

Transgênicos e Biodiversidade - síntese de mesa redonda

Gabriel B. Fernandes (AS-PTA)

Ciência, política, ética e alternativas foram temas debatidos

A mesa redonda realizada durante a 61ª reunião anual da SBPC, na UFAM, em Manaus, colocou em pauta temas ligados à ciência e ética na aprovação e uso de organismos transgênicos. Os participantes também aprofundaram conceitos sobre a ciência precaucionária e da agroecologia como contraponto ao reducionismo no qual se baseia a transgenia. A mesa foi coordenada por Paulo Kageyama, professor titular da ESALQ/USP e membro da CTNBio, e contou com a participação de Rubens Nodari, professor titular da UFSC, ex-representante do Ministério do Meio Ambiente na CTNBio e de Gabriel Fernandes, agrônomo, assessor técnico da ONG AS-PTA.

Na primeira das apresentações, Kageyama descreveu o marco regulatório relativo à biossegurança de Organismos Geneticamente Modificados - OGMs no Brasil, destacando que as sementes modificadas seguem sendo liberadas no País apesar das incertezas e das crescentes evidências de risco. Em relação ao funcionamento da CTNBio, Kageyama recordou os prejuízos causados pela redução do número de votos necessários (quorum) para a aprovação comercial de um organismo transgênico. Com a mudança, as discussões foram prejudicadas e passaram a ser resolvidas no voto. A ala “pró-biotecnologia” da Comissão tem mais votos que a ala “pró-biossegurança”, resume.

Em relação ao problema da contaminação genética, o professor da ESALQ afirmou que, embora existam hoje ferramentas de análise molecular capazes de fornecer resultados de alta precisão, o fluxo gênico das culturas transgênicas foi muito pouco estudado. Pesquisas antigas e ultrapassadas continuam a validar os pedidos das de liberação comercial, sem que se possa contestar. A lacuna de informações representa sério risco para a conservação da agrobiodiversidade.

Kageyama ainda criticou o fato de as aprovações da CTNBio serem feitas com base nos dados apresentados pelas empresas, uma vez que esses não passam pelo crivo de outras entidades e são de baixa qualidade (há casos de ensaios com apenas duas repetições, sem cuidado com os coeficientes de variação experimental, e que não apresentam os dados originais). Para ele, a biotecnologia é essencial para o avanço da ciência, mas a precaução deve estar sempre presente.

O professor Rubens Nodari lembrou que o país ainda não tem sua política nacional de biossegurança, prevista na lei de 2005, e que a CTNBio está em dívida em termos de transparência por ainda não ter criado o SIB – Sistema de Informações sobre Biossegurança – também previsto na lei de biossegurança. Na mesma linha, Nodari destacou que os membros da CTNBio não assinam as declarações de conduta - previstas no decreto que regulamenta a lei de biossegurança - para evitar explicitar casos reais de conflitos de interesses. Enfatizou que à SBPC cabe indicar cientistas independentes para a Comissão.

Em seguida, apresentou uma distinção conceitual entre a “sound science” e a ciência precaucionária, destacando que a primeira separa a ciência da sociologia, analisa poucas variáveis por pouco tempo e encara a incerteza como simples falta de dados, entre outros. Já a ciência da precaução é multidisciplinar, complexa, indutiva e dedutiva, e trata a incerteza como indeterminação. Nodari concluiu o tópico lamentando o fato de o presidente da CTNBio considerar o princípio da precaução, presente na Convenção sobre Diversidade Biológica e na Lei brasileira de Biossegurança, “anticiência inventada por quem quer derrotar a ciência”.

Com fatura de exemplos retirados das próprias decisões da CTNBio (como estudos com coeficientes de variação experimentais acima de 100%), Nodari ilustrou como as incertezas são desprezadas para abrir caminho para as liberações comerciais de transgênicos. De forma geral, a avaliação de risco apresentada pelas empresas interessadas num OGM não realiza os estudos como apregoam os princípios científicos, nem tampouco o que determina o Anexo III do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança da Convenção sobre Diversidade Biológica da ONU. O mais agravante é que os estudos, em sua maioria, não são publicados. Isto significa que, de um lado, não obtiveram o aval da comunidade científica e, de outro lado, a sociedade não conhece o que de fato foi feito. Mesmo assim, são aceitos pela CTNBio.

Por fim, destacou a ausência de fiscalização, rotulagem e o problema da contaminação e conclamou a SBPC a participar desse processo, tendo como referência os interesses maiores da sociedade, como foi seu passado e como sempre ponderou a professora Glaci Zancan, que ocupou vários cargos na diretoria da SBPC, inclusive o de presidente.

O representante da AS-PTA chamou a atenção para a contradição presente no debate sobre o tema quando se afirma que defender os transgênicos é defender a ciência. Para Fernandes, é paradoxal o fato de a transgenia se basear numa visão científica ultrapassada, a do dogma central da biologia. Ao manter vivo o discurso do determinismo genético, acaba-se por descartar aquilo que há de mais recente no campo da genética. Essa é uma opção político-econômica que tem como finalidade manter vigente uma fundamentação científica que legitima o patenteamento de genes.

Gabriel ainda destacou que nenhuma das promessas dos transgênicos foi cumprida. O uso de herbicidas vem crescendo, e até mesmo setores como a Farsul, que lutaram pela liberação da soja RR, já admitem abertamente que não há vantagens da tecnologia em termos de produtividade. Também apresentou dados de estudos e organizações internacionais como a FAO, que afirmam o potencial da agroecologia para alimentar a população mundial e substituir o atual modelo dominante de agricultura.

A entendimento semelhante chegaram os cerca de 400 cientistas de todas as partes do Globo que reuniram-se em torno de um processo de avaliação internacional do conhecimento, ciência e tecnologia para a agricultura e o desenvolvimento, mais conhecido por sua sigla em inglês IAASTD, que teve início em 2002 com a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, em Joanesburgo. Para eles, a pesquisa agrícola precisa se reinventar, e soluções “mais do mesmo” não serão capazes de apresentar respostas efetivas para o urgente enfrentamento das crises atuais que colocam em xeque nosso futuro. A iniciativa, que foi financiada pelo Banco Mundial e diversas agências do sistema ONU, reconhece os avanços obtidos nos últimos 50 anos pela ciência agrícola, especialmente por superar a aritmética maltusiana. Mas destaca, entretanto, que ao longo desse caminho, “a agricultura desconectou-se da Natureza, os agricultores dos consumidores e as políticas de suas consequências”, como resume Hans Herren, que co-presidiu o IAASTD.

A contaminação por transgênicos pode continuar forçando esses desligamentos se impedir a transição para a agroecologia. Isso porque as sementes crioulas, além de seu valor como fonte de variabilidade genética, carregam conhecimentos acumulados ao longo de gerações que as selecionaram para uso em sistemas agrícolas pouco dependentes de insumos externos. As sementes transgênicas, ao contrário, assim como os híbridos, são selecionadas para responder à fertilização química.

A conservação *ex situ* é importante, sem dúvida, mas complementar à conservação a campo. Neste caso, as variedades seguem co-evoluindo em função de sua exposição permanente às variações ambientais. Esse é um motivo a mais para reforçar a tese de que são necessárias regras rigorosas para evitar a contaminação.

Por fim, Gabriel disse esperar que a SBPC participe mais ativamente do debate que definirá rumos para o futuro da agricultura, considerando os impactos dos transgênicos e as vantagens já comprovadas da agroecologia.

Ao final da sessão foi feito o lançamento da publicação "**Coexistência: o caso do milho - Proposta de revisão da Resolução Normativa nº 4 da CTNBio**", de autoria de Gilles Ferment e Magda Zanoni, pesquisadores do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD/MDA); de Paulo Brack, professor da UFRGS e membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul (Consema – RS); Paulo Kageyama (Esalq/USP); e Rubens Nodari (UFSC).

O livro está disponível na internet no endereço:

<http://www.nead.org.br/index.php?acao=biblioteca&publicacaoID=367>